

**FAAT - FACULDADES
LICENCIATURA EM LETRAS**

ELLIS ANGELA DA SILVA

CASTRO ALVES, O POETA ROMÂNTICO SOCIAL

**Atibaia, SP
2017**

**FAAT - FACULDADES
LICENCIATURA EM LETRAS**

ELLIS ANGELA DA SILVA - 5015015

CASTRO ALVES, O POETA ROMÂNTICO SOCIAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau Licenciado em Letras pela FAAT - FACULDADES, sob orientação da professora, dr^a Sônia Mara Ruiz Brown.

**Atibaia, SP
2017**

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Termo de aprovação

ELLIS ANGELA DA SILVA

“CASTRO ALVES - O POETA ROMÂNTICO SOCIAL”

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras”, para apreciação da professora orientadora Dr^a Sônia Mara Ruiz Brown, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Nota _____.

Atibaia, SP, ____ de _____ de 2017.

Prof^a Dr^a Sônia Mara Ruiz Brown.

A Jesus Cristo que é meu exemplo de vida. Aos meus filhos, Luan e Renan, que são minha inspiração, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Aos amigos Felipe e Rebeca que motivaram minha caminhada acadêmica.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar de que forma a literatura da terceira geração romântica influenciou e foi influenciada pelas lutas dos movimentos sociais de sua época. Irá expor o contexto histórico e social, assim como, as origens, características, gerações, influências e os principais autores do movimento romântico europeu e brasileiro. Esse movimento foi um divisor da literatura, e influenciou o mundo com suas novas formas de manifestações literárias. No Brasil, a busca foi por uma escrita genuinamente nacional, que retratasse a beleza de nossas paisagens, do povo e também a realidade de nossos problemas. O poeta em destaque será Castro Alves, que inovou dentro do movimento romântico com sua poesia condoreira, ou seja, a poesia social. Ele lutou pela abolição e soube como poucos retratar os dramas vividos pelo negro africano escravo. Através de sua poesia romântica, não ficou apenas no lirismo de seus sentimentos, pois o individualismo e sentimentalismo foram umas das principais características do movimento. Alves, porém, foi além de sua época, foi a voz que clamou pela libertação de um povo, a ponto de ser conhecido como “o poeta dos escravos”.

Palavras-chave: Literatura; Romantismo; Castro Alves; social; Navio Negreiro.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. O ROMANTISMO – CONTEXTO HISTÓRICO, TERMO, ORIGEM, DEFINIÇÕES, CARACERÍSTICAS E GERAÇÕES | 9 |
| 1.1. CONTEXTO HISTÓRICO | 9 |
| 1.2. TERMO E ORIGEM | 10 |
| 1.3. DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS | 12 |
| 1.4. GERAÇÕES ROMÂNTICAS EUROPÉIAS | 13 |
| 1.4.1. Victor Hugo e sua poesia social que influenciou a terceira geração romântica brasileira. | 14 |
| 2. ROMANTISMO BRASILEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO, PERÍODO PRÉ ROMANTICO, UMA LITERATURA BRASILEIRA, CRONOLOGIA, CARACTERÍSTICAS, GERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES | 17 |
| 2.1. CONTEXTO HISTÓRICO | 17 |
| 2.2. CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE O PERÍODO ESCRAVOCRATA NO BRASIL | 19 |
| 2.3. POR UMA LITERATURA BRASILEIRA | 21 |
| 2.4. GERAÇÕES ROMÂNTICAS NO BRASIL E SUAS CARACTERÍSTICAS | 22 |
| 2.5. CONTRIBUIÇÕES DO ROMANTISMO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA..... | 24 |
| 3. CASTRO ALVES: VIDA E OBRAS | 26 |
| 3.1. ORIGEM E FAMÍLIA | 26 |
| 3.2. EDUCAÇÃO | 27 |
| 3.3. IDAS E VINDAS ENTRE SALVADOR E RECIFE E SEU ENCONTRO COM A REALIDADE SOCIAL | 27 |
| 3.4. RECONHECIMENTO DE SEU TALENTO NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO ... | 30 |
| 3.5. VOLTA A BAHIA E O TRISTE FIM DO POETA DOS ESCRAVOS..... | 33 |

| | |
|--|-----------|
| 4. O POETA DOS ESCRAVOS: POEMA NAVIO NEGREIRO | 36 |
| 4.1. O POEMA: NAVIO NEGREIRO | 36 |
| 4.2. ANÁLISE DO POEMA NAVIO NEGREIRO | 41 |
| CONCLUSÃO | 51 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 52 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca relatar sobre o movimento que buscou inovar em todas as áreas da sociedade. O Romantismo introduziu uma nova forma de expressão literária. Por meio de suas obras, os escritores expressaram seus sentimentalismos, ilogismos e foram em busca do nacionalismo.

As questões sociais fizeram parte da terceira geração romântica. No Brasil esse tema está presente nas poesias de Castro Alves. Mesmo pertencendo a um movimento que tinha como uma das principais características o individualismo, Castro Alves buscou retratar a realidade social de sua época.

O estudo mostrará a relevância da literatura no contexto histórico e a influência de grandes nomes do Romantismo mundial na obra do poeta, entre eles Victor Hugo, um francês romântico que também fez uso da poesia para alertar sobre as questões sociais.

Trataremos sobre: a formação do período romântico no âmbito mundial e no Brasil, como esse movimento influenciou a sociedade e os escritores da época, em especial Castro Alves. Veremos sobre sua vida e obra em relação à questão social escravagista, assunto pertinente em sua poesia. Ele soube como poucos expressar as atrocidades sofridas por esse povo. Alves fez ecoar essa voz que clamava por liberdade, porém não era ouvida pela sociedade. Os negros serviram de inspiração ao poeta, que lutava pelo ideal da liberdade, trazendo esperança aos que sofriam.

Por meio do poema *O Navio Negreiro*, com uma grande inovação na escrita, o poeta trouxe o retrato cruel do tráfico de escravos.

Para o levantamento de dados serão usadas pesquisas bibliográficas.

1. O ROMANTISMO – CONTEXTO HISTÓRICO, TERMO, ORIGEM, DEFINIÇÕES, CARACERÍSTICAS E GERAÇÕES

1.1. CONTEXTO HISTÓRICO

A história sempre passa por transformações, porém o que aconteceu no final do século XVIII e começo do século XIX, foi mais que apenas transformações, foram mudanças radicais. Uma busca pela liberdade e por definições sociais dominou o começo do século XIX.

Com o intuito de deixar para trás o velho e ir ao encontro do que era novo e moderno, o mundo buscou novas ideias e ideais. Após as grandes navegações do século XVI e suas descobertas, houve um período de grande avanço comercial. Em decorrência disso, um acúmulo considerado de capital e mercadorias se instalou. Para escoar essas mercadorias, foram criadas formas de produção mais práticas, concentrando num mesmo local as matérias primas e mão de obra, dando início às fábricas ou ao sistema fabril. Esse sistema promoveu um aumento de produção em série, e as fábricas tornaram-se o símbolo da Revolução Industrial, possibilitando uma mudança na sociedade e no meio ambiente. A Inglaterra foi o país pioneiro na Revolução Industrial, pois possuía um sistema bancário eficiente, matérias primas abundantes, empresários que favoreciam o desenvolvimento econômico e uma ideologia que apreciava o trabalho e o aumento de capital. Após a consolidação no país inglês, a Revolução Industrial ganhou o mundo, e o sistema fabril se solidificou e transformou as vidas das pessoas. Surgiu o proletariado, classe social formada por trabalhadores fabris e de transportes. Os proletariados trabalhavam à exaustão, pois não havia regras, por isso eram explorados pelos donos das fábricas. Contra essas condições subumanas, eles lutaram de diversas maneiras e acabaram se organizando para reivindicar seus direitos como trabalhadores.

No decorrer do século XVIII, na Inglaterra e França, iniciou-se o movimento Iluminista, que valorizava a ciência e a racionalidade. Tal movimento tinha como objetivo melhorar a vida em sociedade e eliminar a ignorância humana, trazendo para as pessoas novos conhecimentos e filosofias. Com isso, influenciou a política, a economia, a arte e a literatura. Ele defendia o direito do cidadão e era contra o absolutismo, lutaram pelo afastamento das monarquias e pelas liberdades individuais,

eram contrários aos dogmas da Igreja, à tradição e ao fanatismo. (FIGUEIRA, 2000, p.198,199).

Surgiu, em 1789, a Revolução Francesa que marcou o fim da Idade Moderna e início da Idade Contemporânea. Aconteceu na França, porém repercutiu em toda a Europa e várias regiões do mundo. Os franceses buscavam liberdade, igualdade e fraternidade. Possuíam os ideais Iluministas e o direito à cidadania, pois viviam sobre o regime absolutista de Luís XVI. A sociedade estava dividida em: clero, nobreza e povo, porém, o prejudicado era o povo. Tinha que pagar impostos altíssimos para cobrir os gastos do clero e da nobreza, que viviam com grandes privilégios. Com a falência do governo, o tratado de comércio com a Inglaterra que provocou o fechamento de fábricas francesas e um rigoroso inverno, em 1788, que prejudicou toda a colheita, a população se revoltou e exigiu reformas. A nobreza reuniu os Estados Gerais, que eram compostos por clero, nobreza e povo e, depois de muitas discordâncias, instituiu a Assembleia Nacional Constituinte. Essa assembleia foi formada pela classe média que, por sua vez, aboliu o feudalismo e os privilégios da nobreza e do clero. Também proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e a nova Constituição. Em 1790, houve a separação do clero e Estado e, em 1791, foi promulgada a primeira Constituição da França. A França sempre teve grande influência cultural na Europa e no mundo.

Entre 1760 a 1790, ocorreu, na Alemanha, um movimento que ajudou a desbancar o Iluminismo e iniciar o Romantismo. Esse movimento ficou conhecido como *Sturm und Drang*, que significava, “Tempestade e Ímpeto”. Esse conceito derivou-se do drama escrito por Friedrich Maximilian Klingler, alemão e amigo de Goethe. Ele expressou nesse drama uma efervescência caótica de sentimentos (REALE e ANTISERI, 2005, p. 14). Trazia uma poesia mística, espontânea, emocional. Os autores desse movimento ignoravam a métrica da poesia francesa e buscavam inspiração na Bíblia Luterana, nos contos e histórias do folclore nacional.

1.2. TERMO E ORIGEM

O Romantismo iniciou-se na Alemanha e, dentre seus percussores, temos o filósofo e teólogo Johann Gottfried von Herder, que considerava oportuna a busca por uma nova literatura que, de forma criativa, escrevesse autenticamente sobre as origens germânicas. Escreveu, entre 1766 e 1767, *Fragmentos sobre a*

literatura alemã moderna. Por meio dessa obra, influenciou o Romantismo alemão. Também o escritor Johann Wolfgang von Goethe. Ficou famoso por suas obras *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicado em 1774, e *Fausto*, poema trágico dividido em duas partes. A primeira foi publicada em 1775 e a segunda em 1791. O poema ocupou grande parte da vida do escritor e foi considerado uma obra prima da literatura alemã. Goethe deixou escritos autobiográficos, peças teatrais, romances e reflexões teóricas em diversas áreas. Foi influência mundial do novo movimento.

O uso do termo Romantismo remonta ao século XVII na França e na Inglaterra. Era associado à poesia de tradição medieval denominada “romances”, que narrava aventuras de amor e heróis. Os “romances” eram considerados estórias imaginárias, devido à temática e à atmosfera que desenvolviam. A palavra francesa *roman* (romanz ou romant) é que deu origem ao sentido que temos no século XVIII e que adentrou no Romantismo conhecido hoje. O Romantismo surgiu de forma a se difundir pelo mundo junto com as revoluções: econômica inglesa e política francesa.

Na Inglaterra, o destaque foi para a poesia de George Gordon Byron, conhecido como Lord Byron. Ele apresentou uma poesia pessimista e melancólica, como exemplo temos, "Versos Inscritos numa Taça Feita de um Crânio":

Não, não te assustes: não fugiu o meu espírito
 Vê em mim um crânio, o único que existe
 Do qual, muito ao contrário de uma fronte viva,
 Tudo aquilo que flui jamais é triste.
 Vivi, ameí, bebi, tal como tu; morri;
 Que renuncie a terra aos ossos meus
 Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme
 Lábios mais repugnantes do que os olhos teus.
 (LORD, 2017)

Byron escreveu também *Peregrinação de Childe Harold*, *Don Juan* e *Manfredo*.

Outro importante escritor inglês foi Walter Scott, considerado o criador do romance histórico, um gênero literário que abrange documentos e dados históricos nas narrativas. Suas obras foram um misto de fundo histórico real e trama ficcional. Destacamos: *A Dama do lago*, *Ivanhoé* e *Woodstock*.

1.3. DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Segundo Paul Valéry (BOSI, 1994, p.91), é difícil definir o Romantismo, pois ele foi o movimento que abrangeu todas as áreas da sociedade. Foi um divisor de águas na literatura e promoveu uma reinvenção dos valores literários. Ele expressou as emoções dos descontentes e a esperança dos revolucionários.

O novo movimento foi conquistando seu espaço por meio da arte e da literatura. Era contrário ao Neoclassicismo e suas regras, por isso seus autores eram inconformados quanto ao intelectualismo, ao absolutismo, ao convencionalismo clássico. Deram início ao sentimento, à imaginação, à emoção, à sensibilidade.

O Romantismo surgiu unificando os escritores de forma universal, pois apresentou características comuns a todos. A imaginação era um dos fatores comuns, pois o escritor romântico percorria um mundo imaginado de forma diferente, dando à vida um novo significado. O mundo era visto e retratado de forma pessoal, por isso o espírito do escritor romântico era ilógico, ou seja, desprendido de lógicas e regras. Oscilava entre a alegria e a depressão, entusiasmo e tristeza. Eles buscavam por emoção, liberdade, fé, exaltação, paixão, exagero e idealização.

Também faziam uso, na escrita, de senso de mistério e escapismo. O existir tinha aparência sobrenatural e queriam fugir da realidade para um mundo de fantasias. A natureza era valorizada e classificada como um refúgio, uma cura, proteção e guia. Buscavam nela um significado e preferiam a noite, pois tinham a ideia de que era na escuridão que a alma revelava o sonho e a imaginação (BOSI, 1994). Um sentimento por reformas, por algo novo era o que dominava aqueles que pertenciam a esse movimento, tal sentimento estava ligado às manifestações reformadoras e libertárias do contexto histórico da época. O romântico era um sonhador e fazia uso de símbolos e mitos em suas obras. Surgiu um retorno ao passado, uma valorização pela história. Recriaram a Idade Média de forma gótica e exótica, adaptando-a de acordo com cada realidade. Valorizavam a intuição e o misticismo. Buscavam por um mundo perfeito e sonhado.

Quanto à estrutura e forma, o romântico gozava de liberdade, espontaneidade e individualismo, valorizava o conteúdo de sua obra e não a forma. Era dono de sua vontade e produzia de acordo com suas reflexões e emoções.

Segundo Coutinho (2002), os gêneros literários, durante esse movimento, sofreram uma mistura, pois seus reformadores não queriam a hegemonia dos neoclássicos e buscavam retratar a complexidade da vida e as oposições que as emoções produziam. A poesia tornou-se pessoal, intimista, com sentimento, exploravam a filosofia e a religião. No teatro, a revolução aconteceu quando deixaram os gêneros fixos da tragédia e substituíram pelo drama, que retratava exatamente o espírito da época. Drama esse que era constituído de contrastes, misturando até mesmo o verso e a prosa. Quanto ao gênero romance, o movimento encontrou a liberdade e o realismo, buscando desenvolver de forma livre seu sentimentalismo, idealismo e preocupação social. Surgiram vários tipos de romances: o histórico, o gótico, o de aventuras e o negro, sendo que seus conteúdos eram fantásticos ou terroríficos, cheio de mistérios e assombrações.

O romântico era opositor à forma culta, nobre, pomposa, por isso inovou por meio de uma linguagem simples, coloquial, porém rica. Buscou por uma métrica variada, redondilhas maiores e menores, ritmos novos, harmoniosos e variedade nas rimas, fugindo da monotonia das formas clássicas.

1.4. Gerações Românticas Europeias

Esse movimento tornou-se um estilo de vida e de arte e repercutiu por todo o mundo, sendo representado por diferentes gerações. Essas gerações possuíam expressões especiais, sendo que cada uma representou uma diferenciação das qualidades românticas.

O Pré Romantismo desenvolveu-se primeiramente na Inglaterra, Alemanha e França, século XVIII. Entre eles estão: Macpherson, Young, Gray, Collins, Herder, Goethe, Schiller.

A primeira geração apresenta resquícios clássicos e foi constituída de escritores nascidos por volta de 1770. É seu representante: Chateaubriand, iniciador do movimento na França que destacou-se pela eloquência e descrição em suas obras. Escreveu poesias, romances, novelas, ensaios e cartas. Dizia que as ciências explicavam tudo para a inteligência e nada para o coração.

Essa geração também contou com Walter Scott, o criador do romance histórico, e Hoffmann, escritor alemão conhecido mundialmente por sua literatura

fantástica. Suas principais obras foram: *O vaso de ouro*, *O elixir do diabo*, *Quebra Nozes e o Camundongo Rei*.

A segunda geração é a que conta com uma maior participação de escritores jovens, nascidos entre 1788 e 1802, entre eles estão: Byron, autor de don Juan, Lamartine, Hugo, Leopardi, Espronceda, Dumas, Cooper, Heine, Sue, Garret, Merimée, Stendhal e Balzac.

Honoré de Balzac foi escritor francês que discorreu sobre temas como: dinheiro, hipocrisia familiar e problemas sociais. Alguns títulos de suas obras: *A mulher de trinta anos*, *Sarrasine*. Ele também influenciou a Literatura Brasileira até o Realismo. Foram influenciados pelas suas obras os escritores brasileiros: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco.

A terceira geração é formada por escritores nascidos entre 1810 e 1820. Dentre eles estão: Herculano e Musset. Alexandre Herculano foi um dos principais escritores românticos de Portugal. Além de escritor, foi historiador e jornalista. Publicou na revista *Panorama* vários artigos e estudos históricos. Suas principais obras foram: *O Bobo*, prosa de ficção e *Eurico, o presbítero*, que conta a história da invasão dos árabes a Portugal.

Dramaturgo e poeta francês, Alfred Louis Charles de Musset, foi o mais clássico dos românticos. Publicou, em 1829, *Contos de Espanha e da Itália*, obra severamente criticada. A sua principal obra foi *Les Nuits*, poesias sentimentais e com sofrimento amoroso. Essas poesias são consideradas as mais representativas do Romantismo francês.

1.4.1. Victor Hugo e sua poesia social que influenciou a terceira geração romântica brasileira.

O destaque aqui será Victor Hugo, da segunda geração romântica europeia. Escritor, dramaturgo e estadista francês, foi um grande precursor do Romantismo e influência para os poetas brasileiros. Nasceu em 1802 e faleceu em 1885.

Suas obras foram escritas para além de sua época, pois Hugo retratou como poucos a condição humana. Ele escrevia sobre todas as classes sociais e denunciava a miséria e as injustiças. Suas principais obras foram: *Os Miseráveis*, *O corcunda*

de Notre Dame, O homem que ri. Um dos grandes clássicos da literatura mundial, o romance *Os Miseráveis* foi publicado em 1862. Esse romance conta a história de Jean Valjean, um homem bom e solidário, que conseguiu superar a vida difícil e desumana. Depois de ser preso por ter roubado um pão, ele decidiu mudar seu destino e foi em busca de um futuro melhor. Tornou-se prefeito e dono de fábrica e, por possuir muito dinheiro, resolveu ajudar uma menina chamada Cosette. Era uma menina órfã e muito pobre. Com o passar do tempo, ela cresceu e se casou, mas retornou para rever o pai adotivo que estava muito doente. Jean morre nos braços da filha. Em sua lápide, alguém escreveu: “Ele dorme. Embora a sorte lhe tenha sido adversa. Ele viveu. Morreu quando perdeu seu anjo; partiu com a mesma simplicidade. Como a chegada da noite após o dia”. (HUGO, 2002, p. 153,154).

Recebeu vários prêmios literários da Academia Francesa, entre eles o Lírio de Ouro. Também fundou a revista *O Conservador Literário* que tinha como principais publicações a crítica literária, teatral, artística e política. Segundo Ricupero (2004, p.61) Victor Hugo, ainda jovem com apenas 20 anos, escreveu no prefácio a suas “*Odes*”, o que o animava politicamente:

Há duas intensões com a publicação deste livro, a intenção literária e a intenção política; mas, na opinião do autor, a primeira é consequência da última, já que a história dos homens apenas apresenta poesia digna desse nome quando está de acordo com ideias monárquicas e crenças religiosas.

O poeta francês foi reconhecido pelo rei Luís XVIII como um artista talentoso e, em 1841, foi eleito para a Academia Francesa.

Hugo era um homem preocupado com a realidade do povo francês, por isso, em 1848, lutou por uma vaga na política e foi eleito deputado em Paris. Defendeu Napoleão III, porém se decepcionou com seu governo e passou, então, a ser um crítico e revolucionário político. Sofreu severa perseguição e refugiou-se em Bruxelas, onde viveu por 18 anos. Em 1876, voltou a Paris e foi eleito Senador. Continuou sua luta pelo direito do povo.

Victor Hugo morreu em 1885, seu corpo foi sepultado no Panteão francês, onde estão os heróis nacionais, porém sua generosidade, influência e talento não foram enterrados. Deixou, em testamento, cinquenta mil francos aos pobres e suas

obras repercutiram por séculos e séculos, retratando a miséria e dando voz às questões sociais pertinentes através dos tempos. Escreveu no prefácio do romance *Os Miseráveis*:

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância - não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis. (HUGO, 2000, p.8)

2. ROMANTISMO BRASILEIRO: CONTEXTO HISTÓRICO, PERÍODO PRÉ ROMÂNTICO, UMA LITERATURA BRASILEIRA, CRONOLOGIA, CARACTERÍSTICAS, GERAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Vários grupos surgiram, durante o século XVIII, com o objetivo de libertar a colônia do império português. O clima na colônia era revolucionário, seguindo o modelo europeu. Eram cerca de 3,3 milhões de habitantes até o final do século XVIII. A sociedade era formada por escravos, burguesia, clero, nobres, comerciantes, artesãos e estrangeiros que vinham explorar as riquezas minerais. A capitania de Minas Gerais contava com 320 mil habitantes, em 1776, sendo que 52% eram negros e 25% mulatos (VICENTINO, 2008, p.197,198). A expansão territorial aconteceu dessa vez no centro-sul da colônia. Estradas foram abertas, para ligar Minas Gerais ao porto do Rio de Janeiro, com o intuito de escoar a exploração mineral. A grande massa da população ambicionava livrar-se do governo explorador português.

A extração do ouro, entre outros minerais, foi à falência ao final do século XVIII. Com o fim da produção aurífera, houve um aumento fiscal, contribuindo para a revolta dos colonos e, em 1789, aconteceu a Inconfidência Mineira. Essa revolução tinha o intuito de separar a colônia Brasil de Portugal, pois a sociedade vivia sobre a opressão lusitana. Os revolucionários da Inconfidência foram influenciados pelas ideias Iluministas divulgadas pela Revolução Francesa, pelo modelo democrático da Constituição norte-americana e pelas filosofias de Voltaire e Rousseau que defendiam o direito de igualdade a todos. O assunto que dividia o grupo era sobre o fim do sistema escravista, pois alguns eram contra e outros a favor. O grupo de revolucionários foi formado por intelectuais, dentre eles estavam Tomás Antônio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Joaquim Silvério dos Reis. Esse último delatou sobre a revolução, às autoridades e, com isso, frustrou a luta pela liberdade dos revolucionários.

Uma sociedade secreta intitulada Cavaleiros da Luz se formou, em 1797, em Salvador, Bahia. O grupo Cavaleiros da Luz era formado por pessoas da elite baiana e se reunia para discutir as ideias Iluministas vindas da Europa. Eles divulgavam seus princípios por meio de panfletos. Os panfletos tinham como temas: a liberdade, o livre comércio, a isenção dos impostos, entre outros.

Em 1798, ocorreu a Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates, que também teve como exemplo a Revolução Francesa. Os conspiradores baianos formavam um grupo composto por sapateiros, ex escravos, escravos, soldados, alfaiates, médicos e advogados. Eles lutavam por igualdade, liberdade contra os abusos religiosos e pela república. Muitos foram condenados à morte.

No Rio de Janeiro, outro grupo se formou, dessa vez por intelectuais que unidos formaram a Sociedade Literária. Também fizeram uso dos panfletos para manifestarem suas ideias.

Em Pernambuco, aconteceu a Conspiração dos Suassunas, em 1801. Os revolucionários se reuniam no Areópago de Itambé e no Seminário de Olinda, onde tramavam e trocavam ideias sobre a independência da colônia.

Entre 1808 a 1836, houve um período de transição para o novo movimento, o qual foi chamado pré-romântico. Quanto a esse período, destacamos: o papel da imprensa literária e política; a influência das sociedades secretas ou literárias na orientação do pensamento e da ação (maçonaria, científicas, literárias, artísticas); a influência estrangeira de Londres e Paris; a oratória, que surgiu como uma voz e como possibilidade de expansão literária, alcançando todas as camadas sociais e servindo como estrutura política no país.

O Brasil tornou-se sede da monarquia portuguesa, entre 1808 a 1821. Com isso houve a abertura do comércio exterior e a possibilidade de expansão industrial. O país estava aberto, não apenas para o comércio, mas muitos artistas estrangeiros vieram e começaram, por meio da escrita, a retratar: a natureza, os hábitos da corte, dos escravos, dos indígenas. A capital do país era a cidade do Rio de Janeiro. O rei, D. João VI, queria que a capital fosse digna de ser a sede da monarquia, por isso quis transformá-la em uma cidade europeia. Fundou órgãos públicos, tribunais, bancos e estimulou a produção artística, científica e cultural. A cidade do Rio de Janeiro ficou conhecida como “capital literária”, pois havia um grande movimento da imprensa que misturava em suas publicações literatura e política, contribuindo para a formação cultural e política do país. Segundo Oliveira:

Durante a permanência da corte no Rio de Janeiro, o perímetro da cidade foi ampliado com a construção de novas moradias e edificações destinadas a repartições públicas, armazéns e casas de comércio. Além disso, a população urbana cresceu muito. O enraizamento das pessoas de prestígio

que se transferiram, em 1808, foi acompanhado pela fixação de negociantes e estrangeiros, pelo deslocamento de diplomatas e por enorme fluxo migratório de portuguesas que saíam do reino na esperança de conseguir melhores condições de vida no Brasil. (...) (OLIVEIRA, 1995, p. 63)

Com a declaração da Independência, em 1822, estabeleceu-se o fim do período colonial. Como produto de um “arranjo político” da elite agrária com elementos da Corte Portuguesa, o Império Brasileiro manteve a estrutura de produção colonial escravista. A própria Constituição de 1824, outorgada por D. Pedro, manteve a ordem escravista. A disputa pelo poder entre a aristocracia e o imperador só foi resolvida com a abdicação de D. Pedro, em 1831. Não houve mudanças na estrutura produtiva e nem na sociedade brasileira. Continuavam valendo os interesses da burguesia dominante, assim como, a escravidão, que continuava sendo a base da economia brasileira.

Várias revoluções se espalharam por todo o território nacional, com objetivos separatistas regionais. Dentre elas temos: Cabanagem no Pará (1835-1840), Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835-1845), Sabinada na Bahia (1837), Balaiada no Maranhão (1838-1841) e a Praieira em Pernambuco (1848-1850), essa última teve como objetivos: descentralizar o poder político, acabar com os latifúndios e tirar o poder comercial que estava sobre o domínio português.

O sistema parlamentarista foi imposto, em 1847, pois não representava o povo brasileiro. Foi conhecido como parlamentarismo às avessas, pois era centralizador e oligárquico. Até 1858 se alternou no poder ministros liberais e conservadores.

O Brasil participou da Guerra do Paraguai, em 1865. Aliou-se a Argentina e Uruguai criando a Tríplice Aliança contra Solano Lopez. Lopez queria conquistar regiões desses países com a finalidade de ter acesso ao Atlântico, para com isso obter progresso econômico para o Paraguai.

Em decorrência das revoluções regionais e da Guerra do Paraguai, membros do partido liberal exigiram reformas sociais e fundaram, em 1870, o Partido Republicano. Desde então houve a decadência do regime monárquico que culminou, em 1889, na proclamação da República.

2.2. Contexto Histórico sobre o período escravocrata no Brasil

Desde a colonização, adotou-se como mão de obra o negro africano. A escravidão já era praticada na Europa e era considerada justa, pois tinha o aval da igreja católica que, por meio da bula papal “diversas”, de 1492, concedia o direito aos portugueses de submeter os pagãos à escravidão perpétua. Também faziam uso da “assiento”, uma carta concedida pelo rei, que dava o direito de explorar o tráfico de negros por meio de pagamento. O trabalho do negro escravo era considerado melhor do que o indígena, e logo passou a ser de grande lucro para a Coroa e para os traficantes de escravos. Os portugueses promoviam guerras, entre as tribos na África, onde compravam dos vencedores, os negros perdedores. Eles eram trazidos em porões de navios conhecidos como “tumbeiros”. Porões sujos e superlotados. Tinham que suportar uma viagem longa, por isso 20% acabavam morrendo durante o percurso.

O chamado “Holocausto Negro” deslocou para a América cerca de 10 a 15 milhões de africanos, sendo que 40% ficaram no Brasil. Eram comercializados nos portos de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, depois eram levados para as fazendas e moravam nos porões que chamavam de “senzala”, uma extensão da casa grande onde moravam seus “donos”. Ali sofriam as piores atrocidades. Um censo de 1818, calculou 3.617.900 habitantes no Brasil, sendo que 1.930.000 eram escravos; os negros eram 1.887.500, os mestiços 628.000 e os índios domesticados 259.400 (PEIXOTO, 2000, p.154).

O Brasil passou a ser mal visto pela Europa, e a Inglaterra começou a cobrar impostos sobre os produtos importados. Isso abalou a relação entre esses dois países e, em 1845, os ingleses instauraram a Lei Bill Aberdeen. Essa lei autorizava as embarcações inglesas a confiscarem toda embarcação que transportasse escravos. Com isso, o comércio de escravos no Brasil ficou prejudicado. Os ingleses pressionavam o Brasil a pôr um fim à escravidão. Em 1850, surgiu a Lei Eusébio de Queiroz que proibia a chegada de embarcações negreiras no país. Porém o tráfico interno continuava, e o preço pelos escravos aumentava. A cidade de Salvador tinha sua base econômica no tráfico de escravos. As pessoas investiam em escravos que trabalhavam para elas ou eram alugados para outros. Ter escravos significava ascensão social e prestígio. As senhoras não iam às compras, isso era uma tarefa para as escravas. Nas ruas da cidade, podia-se notar os dorsos nus dos homens negros e os vestidos coloridos e turbantes as mulheres africanas. Essa década ficou conhecida como o “apogeu do Império” e era formada pelos latifundiários, os “barões

do café”, imigrantes e migrantes vindos do campo para a cidade. A economia era apoiada na exportação de café, e a maior produção estava na região Centro-Sul, em especial em São Paulo. O declínio do Império começou em 1870, devido aos novos tempos e às novas ideias. Em 1871, surgiu a Lei do Ventre Livre que libertava os filhos de escravos nascidos após o ano de sua publicação. Em 1885, a Lei dos Sexagenários, determinou que os escravos maiores de sessenta anos fossem imediatamente libertados. O Brasil era conhecido como um país escravocrata e a pressão era grande. Apenas em 1888, a Lei Áurea foi decretada, porém não se pensou em garantir ao escravo liberto uma inserção na sociedade brasileira. Devido a esse fato, não houve grandes transformações para essa população, que continuava à margem da sociedade. Esse grupo tão humilhado socialmente serviu de inspiração à terceira geração do novo período literário que surgia, o Romantismo.

2.3. POR UMA LITERATURA BRASILEIRA

Com a conquista da Independência, o que se considerava era o começo de uma literatura e historiografia brasileiras, porém, para que isso acontecesse, era necessário que tanto escritores como leitores falassem a mesma linguagem. Por isso o início da crítica literária e a historiografia romântica brasileira foram iniciadas por estrangeiros, como o francês Ferdinand Denis, os ingleses Robert Southey e John Armitage. Isso indicou, segundo Ricupero (2004), que mesmo independentes de Portugal buscaram legitimação cultural fora do país. Nossa literatura teria que buscar a originalidade, ou seja, se desvencilhar dos mitos gregos e das tradições europeias. Denis contribuiu sobremaneira nessa busca, pois sugeriu o índio no lugar dos guerreiros medievais e isso marcou o Romantismo brasileiro.

Segundo Ferdinand Wolf, em *O Brasil literário* (1955): “foram os românticos franceses que, em grande parte, favoreceram o verdadeiro Romantismo nos outros povos novilatinos”.

Mas apenas alguns anos depois, o Romantismo, propriamente dito, surgiu no Brasil, por meio de Domingos José Gonçalves de Magalhães, conhecido como o Visconde de Araguaia. Magalhães se formou em Medicina em 1832. Viajou para conhecer o continente Europeu, passou por diversos países e se deparou com a

literatura romântica de Chateaubriand, que trazia traços patrióticos e medievais. Em 1836, na França, lançou o livro de poesias intitulado *Suspiros Poéticos e Saudades*, cujo conteúdo era antilusitano, ou seja, deixava de lado as características literárias da pátria mãe, Portugal, e passava a usar as influências e inspirações francesas, indianistas e da cultura local. Ele introduziu no país uma escrita revolucionária ao lançar a revista *Niterói*, também no ano de 1836, juntamente com os escritores Porto Alegre, Torre Homem e Pereira da Silva.

O Romantismo chegou ao país e promoveu a ruptura com a literatura voltada para as características portuguesas e iniciou-se a valorização das características e peculiaridades locais. O período, entre 1800 a 1850, foi de grande avanço e progresso da literatura brasileira.

José de Alencar foi reconhecido como o patriarca dessa literatura e, na poesia, os destaques foram Gonçalves Dias e Castro Alves, que representavam a nova poesia, valorizada por fortes expressões culturais brasileiras. Ricupero cita uma frase do patriarca romântico José de Alencar:

Sobretudo compreende os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. (RICUPERO, 2004, p.85)

2.4. GERAÇÕES ROMÂNTICAS NO BRASIL E SUAS CARACTERÍSTICAS

Assim como na Europa, o Romantismo, no Brasil, aconteceu por meio de sucessivas gerações, que se caracterizaram pelas suas ideologias e temáticas diferentes. A formação dessas gerações foi feita de forma complexa, pois, na maioria das vezes, houve escritores que ultrapassaram a sua geração em alguns pontos.

Mesmo diante dessas complexidades, segundo Coutinho (2002), as gerações românticas brasileiras ficaram divididas da seguinte forma: O Pré Romantismo (1808-1836) foi o período de transição para o novo movimento. Ainda podia-se notar resquícios do classicismo. Há o predomínio do jornalismo político e literário, a poesia lírica e as ciências naturais.

A primeira geração (1836-1840) era formada por uma poesia religiosa e mística. Trouxe o nacionalismo e a lusofobia, ou seja, as ideias contrárias a Portugal.

Havia também nessa geração as influências inglesas e francesas e uma nova sensibilidade à natureza local. O gênero preferido era a poesia lírica, no entanto o jornalismo ainda se destacava. Foi o começo da ficção e o teatro.

Na segunda geração (1840-1850) destacava-se a descrição da natureza, o panteísmo, o indianismo, a luta contra Portugal. Essa geração teve grande influência de Chateaubriand, Cooper, Acott, Balzac. Os gêneros predominantes foram a poesia lírica e narrativa, a ficção, o teatro, a crítica, a história e o jornalismo.

Na terceira geração (1850-1860), surgiram o individualismo, o subjetivismo, a dúvida, a desilusão, a insolência e características do “mal do século”, expressão que foi usada para classificar um sentimento de decadência. As influências europeias foram: Byron, Musset, Lamartine e Scott com a ficção histórica. Nessa geração, os temas discorriam sobre o índio, o sertanejo, o regional e a ambientalização era nativa e nacionalista.

Coutinho (2002, p.21) considera uma quarta geração ou grupo que se iniciou após 1860. Dentro dessa geração, surgiram escritores que se diferenciaram e apresentaram um romantismo liberal e social, com intenso discurso político-social nacionalista, inspirado pelo abolicionismo e pela guerra do Paraguai (1864-1870). Esses escritores trouxeram metáforas arrebatadas e ousadas, a chamada poesia “condoreira”. O Condoreirismo foi uma manifestação literária que recebeu esse nome em homenagem ao “condor”, uma ave que representava a liberdade. Os poetas buscavam os princípios libertários e foram influenciados pelo escritor romântico francês Vitor Hugo. Por esse motivo, a terceira geração também é conhecida como “Hugoniana”. Eles tinham como objetivo escrever uma poesia que fosse libertadora, que pudesse ser recitada em alta voz, mas sem perder o lirismo, ou seja, o sentimentalismo e emoção. A geração Hugoniana foi considerada um romantismo realista.

Alguns nomes que se destacaram no Romantismo brasileiro: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Luís José Junqueira Freire, Joaquim de Sousa Andrade, Tobias Barreto de Meneses, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo e Antônio Frederico de Castro Alves.

Gonçalves Dias apresentou, em suas obras, o indianismo, quando tratou de dar forma de herói nacional ao índio brasileiro. Sobre o indianismo, Castello afirma:

Independente da teoria da bondade do homem primitivo de Rousseau e mesmo das raízes da temática indianista, o indianismo que surge com o romantismo no Brasil é profundamente uma manifestação nacionalista. É certo que podemos colocá-lo em correspondência com o medievalismo europeu (1982, p.27).

O poeta Gonçalves Dias foi influenciado pelo francês Ferdinand Denis e deixou as seguintes obras: *Canção do Exílio*, *I Juca-Pirama*, *Primeiros Cantos*, entre outras.

Representando a fase boêmia do Romantismo, tivemos Álvares de Azevedo. Ele, influenciado pela poesia byroniana, nos deixou cedo, com apenas vinte anos de idade. Entre suas obras destacamos: *A noite na taverna*, obra formada por contos macabros.

No Brasil, as gerações românticas, mesmo com temáticas diferentes, uniram-se por meio de características fundamentais, que se tornaram a base para o movimento. O nacionalismo foi uma dessas características que expressava, por meio da literatura, o individualismo do poeta e a alma coletiva do povo. Reivindicavam uma literatura nacional, que se tornou um estilo de vida. Buscavam inspiração nacional e local abandonando, assim, a influência greco-romana que dominava o Classicismo. A princípio foram em direção da natureza tupiniquim e a exaltaram. Depois valorizaram a cor e o pitoresco da história local, tempos, lugares, costumes, sentimentos. A linguagem era tipicamente brasileira. O sentimentalismo e o sensibilismo também caracterizaram o movimento, pois os românticos encontraram no povo brasileiro a inspiração, a improvisação e a espontaneidade. Devido a esse fato, a literatura romântica tornou-se popular no país. Questões políticas e sociais relacionavam a arte com a sociedade.

2.5. CONTRIBUIÇÕES DO ROMANTISMO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

O Romantismo foi caracterizado como sendo a voz que acompanhou de perto a revolução burguesa e a luta pela independência e pela república. Os brasileiros revolucionários abominavam a exploração econômica, a opressão política e o

conservadorismo português, ansiavam pela liberdade. A literatura romântica foi, portanto, uma arma de ação política e social, desde a Independência.

O movimento romântico contribuiu de forma fenomenal e definitiva com a autonomia da literatura brasileira, pois, a partir dele, os gêneros literários ganharam liberdade em sua temática e forma, possibilitando aos escritores uma escrita tipicamente nacional. A linguagem ganhou um dialeto brasileiro, uma forma de traduzir em palavras o verdadeiro sentimento do povo nativo. Tal desenvolvimento linguístico passou por Álvares de Azevedo e fixou-se em Castro Alves, que estabeleceu um lirismo, que traduziu na sua poesia o verdadeiro sentimento da realidade brasileira. Também a esse movimento deve-se a construção da carreira literária e a inclusão da profissão de escritor na sociedade. O escritor tornou-se um idealizador de reformas sociais e políticas, um educador e aquele que, por meio da arte literária, influenciou a comunidade. Devido a essa popularidade do escritor romântico, houve um aumento de público e interesse pelo romance, pela poesia, pelo teatro, desenvolvendo a comercialização e produção de livros, assim como o aumento de bibliotecas, tipografias e casas impressoras. Segundo Paul Hazard, historiador francês *apud* COUTINHO (2002, p.30-31):

O Romantismo aparece, aqui, menos como uma doutrina que como surto vital. Digamo-lo claramente: no Brasil, o Romantismo foi uma força religiosa, social, nacional. Ele não deu apenas a mais abundante florescência de romancistas e poetas; não restabeleceu somente as letras na alta dignidade que lhes competia; confundiu-se com a liberdade, com a existência mesma da jovem nação.

Foi por meio do movimento romântico que a literatura brasileira definitivamente se afirmou e passou a integrar a história do povo. Por meio de narrativas, prosas e poesias ficcionais, passaram a registrar a cultura, os dramas, a natureza, a sociedade, os problemas, os amores e as mazelas tupiniquins.

3. CASTRO ALVES: VIDA E OBRAS

3.1. ORIGEM E FAMÍLIA

No ano de 1847, precisamente no dia 14 de março, veio ao mundo Antônio Frederico de Castro Alves. Baiano legítimo, da Fazenda Cabaceiras, situada na cidade de Curralinhos, interior da Bahia. Ficou conhecido na história da Literatura Brasileira como o “Poeta dos Escravos”. Esse poeta soube como poucos dar voz às questões sociais. Em especial ao negro africano, sofredor das injustiças causadas pela escravidão. Foi um grande aliado dos movimentos abolicionistas e republicanos.

Segundo Silva (2012), Castro Alves era filho de Antônio José e Clélia Brasília, médico e dona de casa. Antônio José lecionava na faculdade de Medicina e atendia gratuitamente aos escravos. Foi condecorado cavaleiro da Ordem das Rosas e do Cruzeiro¹, ordens honorárias criadas pelo imperador D. Pedro I. Somente pessoas de elevado prestígio ganhavam essas honrarias. Seu sonho era criar um hospital modelo, em Salvador. Fundou o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e o Grêmio Literário.

Clélia Brasília foi registrada apenas com o nome do pai, pois consta que sua mãe era uma cigana espanhola, que veio a falecer após concebê-la. Pertencia a uma família abastada, seu pai José Antônio da Silva Castro, era rico e influente. Dono de uma grande quantidade de terras e com títulos de coronel e major, pois tinha lutado pela Independência do Brasil. Tanto o pai quanto a mãe de Castro Alves eram pessoas cultas e amantes das artes. Também faziam parte da família Alves seus irmãos e irmãs: José Antônio, João (morreu ao nascer), Guilherme, Adelaide e Amélia.

Em 1859, sua mãe morreu vítima de tuberculose, uma perda que abalou toda a família. Principalmente seu irmão José Antônio, que mais tarde acabou cometendo suicídio, ingerindo uma quantidade excessiva de remédios. Em 1862, seu pai casou-se com Maria Ramos Guimarães, viúva de um português dono de três navios negreiros. No ano de 1852, a viúva, foi investigada pelo cônsul britânico, pois seu nome constava em uma lista de possíveis pessoas que ainda participavam do tráfico negreiro de forma clandestina. A viúva tinha uma boa condição financeira e três filhos. Porém, em 1866, o dr. Antônio José faleceu por problemas de coração. Deixou para

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_da_Rosa. Acesso em 10 de setembro 2017.

os filhos e a viúva apenas dívidas e falência. Também fazia parte da infância do poeta, o convívio com os negros escravos, em especial sua ama de leite, a negra Leopoldina.

3.2. EDUCAÇÃO

Desde cedo, recebeu uma refinada educação, foi aluno do Ginásio Baiano, dirigido pelo professor Abílio Cesar Borges, um educador renomado na época e barão de Macaúbas. Esse educador foi motivo de várias críticas, quanto à forma pedagógica que utilizava (introduziu o ensino de várias disciplinas simultaneamente), por ter extinto, em seu colégio, a prática da palmatória² e por discursar a favor da abolição. Passaram por esse ginásio escritores e políticos, como Rui Barbosa, Sátiro Dias, Eduardo Ramos e Francisco Vicente Viana. No colégio aprendeu latim, francês e inglês.

De forma bem precoce iniciou sua carreira poética escrevendo notavelmente, com rimas e musicalidade, seus primeiros versos. Cresceu tendo contato com as literaturas de Horácio, Virgílio, Camões e os franceses Charles André, Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, sendo essa sua principal influência.

Sua irmã, Adelaide, testemunhou sobre a escrita do poeta, dizendo:

Seus versos tão espontâneos eram feitos sem constrangimento ao lado de seus irmãos. Da ideia acudia-lhe imperiosa a inspiração: ligeiras correções neles faziam, de ordinário variantes de difícil preferência pela igualdade de valor, mas se acaso faltava-lhe no momento a adjetivação (...) ou as imagens não eram reproduzidas tais quais as tinha em mente, fitava o olhar longe, muito longe, balançando febrilmente a perna, enlaçando os cabelos nos dedos ou ajuntando-os em pequena mecha e com as pontas bem firmes espetando a testa, como para obrigá-la a obedecer-lhe. (SILVA, 2012, p.49).

3.3. IDAS E VINDAS ENTRE SALVADOR E RECIFE E SEU ENCONTRO COM A REALIDADE SOCIAL

Seguiu para Recife, em 1862, com apenas quinze anos, para preparar-se para a faculdade. Nessa época, fazia parte da rotina do poeta, a leitura de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Soares de Passos. Na

² A **palmatória** por vezes também chamada férula, é um artefato geralmente de madeira formado por um círculo e uma haste. Foi muito utilizada no passado nas escolas pelos professores a fim de castigar alunos, golpeando-a na palma da mão do aluno castigado. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Palmatória>. Acesso em 12 de setembro de 2017.

capital pernambucana, encontrou o alvoroço das vendas de produções de açúcar, o tráfico negro e a Companhia Dramática de Furtado Coelho, que trazia em seu elenco a renomada atriz Eugênia Infante da Câmara. Essa Companhia trazia um grande repertório com mais de 21 peças e apresentava um teatro moderno com dramalhões e comédias. O teatro era uma grande forma de comunicação em massa. A alta sociedade, assim como os estudantes da capital compareciam para assistirem aos espetáculos. Castro Alves fez sua estreia como orador, em um dos intervalos da peça “*A Redenção*” no teatro Santa Isabel e, na ocasião, conheceu Eugênia, por quem se apaixonou perdidamente. Escreveu o poema “*Meu Segredo*”, que revela a paixão silenciosa do poeta:

A imagem que eu seguia?
É meu segredo!
Seu nome não
digo...tenho medo

Nesse mesmo ano, publicou a poesia “*Destruição de Jerusalém*”, no Jornal de Recife, e também seus primeiros versos em defesa da liberdade do negro escravo “*A Canção do Africano*”.Essa poesia tem profundo valor como documento histórico.

Entrou para a Faculdade de Direito, em 1864, porém foi reprovado por faltas. Escrevia crônicas no jornal acadêmico chamado *O Futuro*. Faltava às aulas por motivo de sua saúde que piorava consideravelmente. Em meio às crises da terrível doença, escreveu “*Mocidade e Morte*”, que mostra o quanto o poeta sofria por sua condição:

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
A sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.
Morrer... quando este mundo é um paraíso (SILVA, 2012,p.35)

Em 1865, Castro se inscreveu no Batalhão Acadêmico de Voluntários para a Guerra do Paraguai, que foi o conflito do Paraguai, liderado por Solano Lopes, contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai. O poeta, porém, não

participou do conflito, devido a sua doença. Como consolo escreveu o poema “Aos estudantes voluntários”.

Segundo Silva (2012), nessa época, tornou-se amigo de Tobias Barreto e Fagundes Varela. Conheceu Varela em uma de suas viagens a Salvador. O poeta já havia publicado “Noturnas” e “Vozes a América”, porém vivia na boêmia, cheirava a álcool e era desleixado. Passou a frequentar a casa de Castro Alves que, na época, morava com uma mulher chamada Idalina, mais um dos seus casos amorosos. Foi ao lado dela que começou a escrever o poema “Os Escravos”.

Continuou no curso de Direito, mas não passava de um estudante mediano. No dia 10 de agosto de 1865, discursou o poema “O século”, na abertura dos cursos jurídicos. Esse poema trouxe um forte apelo social e foi escrito para persuadir o leitor por meio de antíteses, hipérboles e metáforas. O poeta constrói, no poema, um exagero de imagens, que tomam forma ao ser declamado e passou a ser conhecido em todo o Recife.

O século é grande... No espaço
 Há um drama de treva e luz.
 Como o Cristo – a liberdade
 Sangra no poste da cruz.
 Um corvo escuro, anegrado,
 Obumbra o manto azulado,
 Das asas d'águia dos céus...
 Arquejam peitos e frentes...
 Nos lábios dos horizontes
 Há um riso de luz... É Deus (SILVA, 2012, p.41)

Com belíssima oratória e uma escrita impecável, passou a influenciar a juventude acadêmica. Mais que isso, criou uma identificação com o povo oprimido, ele sentia o drama dos excluídos e tinha uma visão real do mundo exterior. Politicamente defendia a República, era liberal e influenciado pelo Socialismo vindo da Europa. Alberto da Costa e Silva escreveu que o poeta Castro Alves expressa suas intenções poéticas em um trecho que diz: “a poesia fora criada para chorar a humanidade e deveria ser o arauto da liberdade e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo” (2012, p. 45).

Para o poeta, o mundo estava errado. Ele acreditava nas revoluções e nas lutas pela liberdade. Por esse motivo a escravidão tornou-se intolerante, pois atingia em cheio seus ideais. Com a ajuda de amigos como Rui Barbosa, Regueira Costa, Plínio de Lima, Augusto Álvares Guimarães fundou, em 1866, a Sociedade

Abolicionista no Recife. A Sociedade manteve-se com doações de pessoas e amigos, principalmente de Salvador.

Castro Alves, além de possuir uma criatividade e sensibilidade sem igual, também era sedutor e encantava as moças de sua época. Em 1866, retorna a Salvador, deixa Idalina na capital pernambucana e logo se encanta por três judias, vizinhas do poeta. Observava-as da janela do sobrado, onde passava férias. E para uma delas, chamada Ester, escreveu o poema “*Pensamento de Amor*” e o soneto “*Os anjos da meia noite*”. Escreveu com propriedade sobre o amor e seus desejos. Mas seu coração reencontra, ao retornar à Recife, sua grande paixão Eugênia Câmara. O poeta não saía mais do teatro, com sua excelente oratória e interpretação recitava seus versos. A atriz passou a notar o jovem de apenas dezenove anos, mas, como dito anteriormente, um jovem sedutor, que logo encantou a renomada senhora de trinta anos. Os boatos se espalharam e o escândalo foi inevitável. Um jovem pertencente a uma renomada família juntou-se a uma atriz cômica. Os dois amantes passaram a morar juntos, numa pequena casa no subúrbio pernambucano. Tal romance desencadeou uma guerra com o amigo e também escritor Tobias Barreto. Ambos estavam apaixonados por duas mulheres que disputavam o título de melhor atriz dentro da Companhia. Castro Alves defendia Eugênia Câmara, e Tobias Barreto, Adelaide do Amaral. Por meio de críticas publicadas nos jornais, ambos atacavam a rival de suas amadas. Essa guerra perpetuou-se, mesmo após a morte de Alves. Tobias Barreto tornou-se influente no cenário literário brasileiro e sempre denegriu a imagem do amigo.

Escreveu *Gonzaga*, em 1867, uma peça teatral dramática, também conhecida como a Revolução de Minas onde retratou a história revolucionária na luta pela liberdade com objetivos patrióticos e políticos, pois apoiava o movimento republicano e abolicionista. A peça foi aprovada pelo Conservatório Dramático da Bahia e, meses depois, estreou, encenada por Eugênia. Foi um sucesso. O poeta foi aclamado como gênio e aplaudido pelo público.

3.4. RECONHECIMENTO DE SEU TALENTO NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Embarcou com a peça *Gonzaga* e Eugênia para o Rio de Janeiro. Chegou à cidade no mês de fevereiro de 1868. Trouxe consigo uma carta de apresentação de

Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha, influente político baiano. Ele ia em busca do escritor José de Alencar, a fim de mostrar suas obras ao escritor. Alencar ficou encantado com o jovem poeta e escreveu uma carta a Machado de Assis, apresentando-o. Essa carta foi publicada no jornal *Correio Mercantil* e dizia:

Ilmo Sr. Machado de Assis. — Recebi ontem a visita de um poeta. — O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o há de conhecer o Brasil. Bem entendido, falo do Brasil que sente; do coração e não do resto. — O Sr. Castro Alves é hóspede desta grande cidade, alguns dias apenas. O Sr. Castro Alves é um discípulo de Vítor Hugo, na arquitetura do drama, como no colorido da idéia. O poema pertence à mesma escola do ideal; o estilo tem os mesmos toques brilhantes. — Imitar Vítor Hugo só é dado às inteligências de primor. Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor. — Seja o Virgílio do jovem Dante, conduza-o pelos ínvios caminhos por onde se vai à decepção, à indiferença e finalmente à glória, que são os três círculos máximos da divina comédia do talento. (AMADO, 1982, p.228)

A resposta de Machado de Assis foi a seguinte:

É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Exa, com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz intróito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre. Se se adivinha que a sua escola é a de Vítor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-o a preferir o poeta das Orientais ao poeta das Meditações. Não lhe aprazem certamente as tintas brancas e desmaiadas da elegia; quer antes as cores vivas e os traços vigorosos da ode. — Como o poeta que tomou por mestre, o Sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grande e o que é delicado, mas com igual inspiração e método idêntico a pompa das figuras, a sonoridade do vocábulo, uma forma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a espontaneidade, o ímpeto. (AMADO, 1982, p.229)

Essas cartas demonstraram o talento de Castro Alves, reconhecido por dois grandes e renomados autores, homens influentes na literatura da época. As portas do meio literário se abriram para o poeta que passou a escrever artigos no *Diário do Rio de Janeiro* e declamou seus poemas em alta voz para a sociedade carioca.

Porém, a decepção veio ao ser negada à produção de *Gonzaga*, apesar dos elogios de escritores renomados. Com isso, Alves seguiu para São Paulo e, na ocasião, conheceu Rui Barbosa, que também seguia para a cidade paulista com o intuito de cursar a Faculdade de Direito.

Ao chegar a São Paulo, o poeta encontrou uma cidade com pouco mais de 30 mil habitantes. Na faculdade paulista, os acadêmicos haviam mudado de herói, antes

se inspiravam nas obras tediosas e desvairadas de Byron, agora buscavam pela liberdade e igualdade social de Victor Hugo. Os estudantes e mestres defendiam e lutavam pela abolição e pela República, logo o poeta se integrou ao grupo.

No salão da Concórdia, com o auditório cheio de pessoas influentes na cidade de São Paulo, leu o poema “*O livro e a América*”. Recebeu elogios de todos. Também obteve sucesso quando recitou os versos de “*A visão dos mortos*”, que apresentavam sua discordância sobre a escravidão:

Aonde a terra que talhamos livre,
 Aonde o povo que fizemos forte?
 Nossas mortalhas o presente inunda
 No sangue escravo, que nodoa o chão.
 Oh! É preciso inda esperar cem anos...
 Cem anos... brada a legião da morte.
 E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
 Sacode o grito soluçando – o norte.
 Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos
 Pelo infinito a galopar lá vão...
 Erguem-se as névoas como pó do espaço
 Da lua pálida ao fatal clarão. (SILVA, 2006, p.92)

A capital paulista recebeu suas palavras sem constrangimento, mesmo sendo, na época, o centro de desenvolvimento cafeeiro e tendo os escravos como principal e única mão de obra. Segundo Silva (2012), o cenário inspirou o poeta, que continuou a escrever sua obra *Os escravos* e mais poemas abolicionistas e político como: “*O Vidente*”, “*Vozes da África*” e “*O Navio Negreiro*”. Escrevia, também, artigos nos jornais locais e teve como admirador e professor José Bonifácio. O professor lutava contra a política imperialista e a favor da abolição. Junto com estudantes e o poeta protestaram quanto às decisões de D.Pedro II, que desfazia e refazia os gabinetes, colocando nos cargos políticos partidários. Em protesto, Castro Alves, com sua eloquência, declamou alguns versos em ode à República:

Republica!..Voo ousado
 Do homem feito condor!
 Raio de aurora ainda oculta,
 Que beija a frente ao Tabor. (SILVA, 2006, p.96)

Em 1868, aconteceu enfim a representação de *Gonzaga*, no teatro São José. A peça foi estrelada pela companhia da amada Eugênia Câmara. Foi um sucesso de público e crítica. Porém o romance entre o jovem poeta e a experiente atriz findou.

Sofreu muito o jovem poeta, deixou de escrever, de ler e começou a fumar. A separação o inspirou, porém, seus versos se tornaram duros e melancólicos.

No mesmo ano, ainda desiludido saiu para uma caçada e se acidentou com um tiro no pé. Muito enfraquecido pelo acidente, a tuberculose voltou a assustar. Em meio a cuidados dos amigos, dentre eles Rui Barbosa, seguiu para tratamento no Rio de Janeiro. Em 1869, devido a infecções, amputou o pé. Por causa da fraqueza dos pulmões teve que fazer a amputação sem anestesia, aos gritos o poeta clamou: “Corte-o, corte-o, doutor. Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade” (SILVA, 2006, p.140). Teve novamente uma grave crise de tuberculose e ficou entre a vida e a morte. Na ocasião, escreveu o poema “Quando eu morrer”:

Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério...
 Que povo estranho no porão profundo!
 Emigrantes sombrios que se embarcam
 Para as plagas sem fim do outro mundo.(SILVA, 2006, p. 139)

3.5. VOLTA À BAHIA E O TRISTE FIM DO POETA DOS ESCRAVOS

Segundo Silva (2012), em 1870, regressou a Currálinho, Bahia, sua terra natal. Durante a viagem, olhando a imensidão do mar, observou as águas marítimas batendo no casco do navio, provocando o aparecimento de espumas, surgiu o nome que deu ao seu livro de poemas: *Espumas flutuantes*. O título tinha um imenso significado, assim como o barco deixava seu rastro pelo mar, o poeta deixaria seus versos como rastro na imensidão da vida.

Triste era o regresso e sua situação física, aleijado e tuberculoso, porém tinha em si a criatividade e a emoção, do poeta romântico, vivas. Fez projetos literários, leu com devoção os quatro volumes do *Cosmos*, de Humbolt, escritor humanista alemão. Recebia notícias, por meio de jornais, sobre a guerra do Paraguai. Sobre a guerra escreveu “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, em favor dos órfãos da guerra.

Há duas cousas neste mundo santas:
 - O rir do infante, - o descansar do morto...
 O berço - é a barca, que encalhou na vida,
 A cova - é a barca do sidéreo pôrto...
 E vós dissestes para o berço - Avante! -
 Enquanto os nautas, que ao Eterno vão,
 Os ossos deixam, qual na praia as âncoras,
 Do vasto pampa no funéreo chão.

É santo o laço, qu'hoje aqui s'estreitam

De heróicos troncos - os rebentos novos -!
 É que são gêmeos dos heróis os filhos,
 Inda que filhos de diversos povos!
 Sim! me parece que nest'hora augusta
 Os mortos saltam da feral mansão...
 E um "bravo!" altivo de além-mar partindo
 Rola do pampa no funéreo chão!...³

Ficou aos cuidados da família, madrasta, irmãos e cunhado que se revezavam. A família não possuía mais tanta riqueza, mas ainda gozava de certo conforto. Algumas vezes, durante o dia, galopava um alazão, em demorados passeios pelos vales e montes de Curralinho.

Alberto da Costa e Silva (2012) conta que um amigo, chamado Augusto, cuidou de buscar recursos para a publicação da obra do jovem poeta. Em pouco tempo conseguiu custear a edição, com recursos vindos de amigos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife. Foram quatrocentos assinantes, que tiveram o privilégio de receber a obra assinada pelo poeta. A obra foi lançada com o volume de 218 páginas e 54 poemas.

Sempre que podia frequentava o Grêmio Literário e, numa ocasião, escreveu uma ode à imprensa com o nome de *Deusa Incruenta*, poema cheio de interjeições para ser falado em alta voz. Em um sarau literário, leu para alguns “*A cachoeira de Paulo Afonso*”, que trazia, por meio das palavras, um clamor pela liberdade, uma denúncia contra a escravidão que desmoralizava o ser humano. O pequeno público ficou comovido com tamanha sensibilidade. O poema retratou os dramas humanos e teve como cenário uma estrondosa e belíssima cachoeira, descrita pelo poeta em detalhes e com frases melodiosas, não podia ter sido diferente já que Alves ficou conhecido como o mestre do cromatismo⁴. Na epígrafe do poema, ele revelou o poeta que queria ser, com a frase: “ Não sei se mereço que algum dia se deponha uma coroa de louros sobre o meu túmulo. A poesia, apesar de todo o meu amor por ela, não foi para mim senão um meio, consagrado a uma finalidade santa”, confessou a um amigo

³ http://www.projetomemoria.art.br/CastroAlves/memorias/memorias_temporada_pobres.html

⁴ Os cromatismos são geralmente estruturados como frases musicais compostas de notas cromáticas, com a intenção de gerar tensão melódica ou harmônica. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cromatismo>

que tudo que queria ser era um soldado na guerra para a libertação da humanidade (SILVA, 2006, p.163).

Seu objetivo era mudar a sociedade por meio das palavras, por meio da poesia, por meio da literatura. Não teve tempo para mais, pois, aos 6 de julho de 1871, enfermo sobre seu leito, fechou os olhos para o mundo.

Porém os olhos do mundo foram abertos através das suas obras, foram e continuam sendo abertos para as questões raciais, para as injustiças sociais. O poeta conseguiu ser o poeta que tanto se almejava, um poeta romântico social.

4. O POETA DOS ESCRAVOS: POEMA NAVIO NEGREIRO

4.1. O POEMA: NAVIO NEGREIRO

Este capítulo tem como objetivo analisar um dos principais poemas de Castro Alves, “O Navio Negreiro”, inserido na obra *Os Escravos*. Essa obra reúne poemas centrados na temática da exploração escravocrata. Considerando que, em 1850, foi promulgada a Lei Eusébio de Queiros, que extinguiu o tráfico de escravos, ainda na época em que foi escrito o poema era um assunto que persistia. Sobre a escravidão no Brasil, tratamos anteriormente no capítulo 3.2.1. A partir dessa obra, ficou conhecido como poeta social ou poeta dos escravos e, segundo José Verissimo “*poeta nacional, se não mais, nacionalista, poeta social, humano e humanitário*” (PEIXOTO, 1944, p.38).

O poema, ao longo dos anos, tem sido considerado um documento de referência, quanto ao sofrimento dos escravos africanos. O poeta registrou a viagem de um navio que conduzia os escravos da África para a colônia Brasil. As dificuldades vividas durante esse percurso e a maneira brutal como eram tratados. Com uma linguagem marcante, Castro Alves traduz em palavras esse sofrimento e a cada leitura nos transporta para dentro do navio. Faz-nos sentir a angústia, o cheiro, a dor da alma e física daqueles que tiveram sua liberdade ceifada.

A seguir, o poema *Navio Negreiro*, dividido em seis partes.

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
 Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
 Neste saara os corcéis o pó levantam,
 Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
 Sentir deste painel a majestade!
 Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
 E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
 Que música suave ao longe soa!
 Meu Deus! como é sublime um canto ardente
 Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
 Tostados pelo sol dos quatro mundos!
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia,
 Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
 E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
 Por que foges do pávido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II
 Que importa do nauta o berço,
 Donde é filho, qual seu lar?
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! que a morte é divina!
 Resvala o brigue à bolina
 Como golfinho veloz.
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
 Requebradas de langor,
 Lembram as moças morenas,
 As andaluzas em flor!
 Da Itália o filho indolente
 Canta Veneza dormente,
 — Terra de amor e traição,
 Ou do golfo no regaço

Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus ...
 ...Adeus, ó choça do monte,
 ...Adeus, palmeiras da fonte!...
 ...Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó.
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...
 E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na cadeia,
 Mas o chacal sobre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o porão negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer. .
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...

E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélagos profundo!
 Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares! (ALVES, 2008, p. 13 a 28)

4.2. ANÁLISE DO POEMA O NAVIO NEGREIRO

Castro Alves escreveu “O navio negreiro” em 1868. Cada parte do poema é constituída por uma estrutura diferente em cada estrofe, mas sempre “recheada” com um estilo exclamativo, cheios de hipérboles, um exagero intencional para dar maior expressividade a ideia. A liberdade na escrita acontece pelo fato de o espírito romântico buscar, nas suas produções, livrar-se da escrita tradicional. O poema é para ser lido de forma declamada, pois, por meio de sua poesia, Castro Alves teve a intenção de mostrar à sociedade as atrocidades vividas pelos escravos. Ele clamava por uma solução, por justiça social, pela abolição. Ao ler o poema em alta voz, o leitor consegue perceber o tom crescente da problemática e do drama escrito. É o chamado poema discurso.

Na primeira parte, encontramos a introdução, onde o narrador descreve com objetividade e riqueza de detalhes os ambientes em que decorrerão as cenas. Vai conduzindo os leitores ao longo da história. Descreve a beleza natural vista do alto; em segundo, a exuberância do mar e do espaço. Nessas estrofes, num primeiro momento, identificamos a imensidão da imagem formada pelo oceano, espaço, firmamento.

Por meio de onze estrofes compostas em quartetos eruditos, com dois versos rimados de forma cruzada, ou seja, o 2º com o 4º versos decassílabos (versos constituídos por dez sílabas), o poeta dos escravos começa a relatar a trajetória do navio e todo contexto que envolve a paisagem em que está inserido.

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Contamos com várias figuras de linguagem, dentre elas temos: a aférese, que significa a eliminação de letras no início de uma palavra ('Stamos=Estamos). A junção do mar com o céu foi descrita na terceira estrofe. Nota-se, nas primeiras estrofes (1,2, 3 e 4 estrofes), o uso de anáfora⁵, que representa a repetição de uma mesma palavra ou expressão no início dos versos “*S'tamos em pleno mar...*”. Essa repetição provoca sonoridade, intensidade e dá ritmo aos versos. É como se o poeta descrevesse o vento e o balanço do mar. A poética castroalvina era rica em antíteses⁶, figura de linguagem que concede maior expressividade à ideia proposta e faz uso de palavras ou expressões com sentidos opostos. Podemos verificar essa figura na passagem: “*Embaixo — o mar em cima — o firmamento... E no mar e no céu — a imensidade!* “. E de forma geral no subtítulo do poema “Tragédia no mar” e a descrição alegre e feliz da primeira parte. Nos versos seguintes, “*Abrindo as velas /Ao quente arfar das virações marinhas/Veleiro brigue corre à flor dos mares/Como roçam na vaga as andorinhas...*”, estão presentes a comparação⁷ e a metáfora⁸, “*flor dos mares*”

⁵ Anáfora é a figura da repetição. Ocorre quando uma mesma palavra ou várias, são repetidas sucessivamente, no começo de orações, períodos, ou em versos. A repetição tem o objetivo de dar ênfase e tornar mais expressiva a mensagem. É considerada figura de construção e sintaxe.

<http://www.figuradelinguagem.com/anafora>. Acesso em 29 de novembro de 2017.

⁶ Antítese é a figura de estilo que usa palavras ou expressões com sentidos opostos, que contrastam entre si. Ocorre quando há a aproximação destes termos contrários. Esta aproximação dá ênfase à frase e assegura maior expressividade à mensagem a ser transmitida. Por ser uma figura de linguagem, que pertence à categoria das figuras de pensamento, carrega sempre um tom conotativo.

<http://www.figuradelinguagem.com/Antitese>.. Acesso em 29 de novembro de 2017

⁷ A figura de linguagem comparação é também chamada de símile. Ela acontece quando é estabelecida entre palavras ou expressões uma relação comparativa explícita, marcada pela presença de termos como “como, assim como, tal como, igual a, que nem”. (<https://www.figurasdelinguagem.com/comparacao/>) Acesso em: 29/11/2017

⁸ Metáfora é uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas, podendo dar duplo sentido à frase. Também é um recurso que permite expressividade a frase. (<https://pt.m.wikipedia.org>. Acesso em: 29/11/2017

Na quinta estrofe, observamos a sugestão de um mistério, através da presença repetida do ponto de interrogação: “*Donde vem? Onde vai? Das naus errantes/Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?*”. Tal mistério aguça a curiosidade do leitor que espera uma resposta ao longo dos versos.

Todas as figuras que participaram dessa cena se completam de forma harmônica. A natureza é retratada no poema de forma grandiosa e elevada, característica comum do movimento romântico.

Algumas palavras do vocabulário utilizado pelo poeta, carecem de significado, como:

Turba – agitação, multidão
 Infantes – criança, menino
 Firmamento – espaço
 Ardentias – fosforescência do mar
 Insano – louco, excessivo
 Arfar – ofegante, balançar
 Brigue – navio de dois mastros
 Nau – embarcação mercante
 Errantes – que anda sem destino
 Proceta – tormenta no mar
 Pélago – mar alto, grande profundidade
 Pávido – cheio de pavor
 Gaza – estar deitado
 Leviatã – mostro marinho (<https://www.priberam.pt>)

O poeta pede, às asas ao Albatroz, um tipo de ave marinha, para alçar um voo maior, alcançar a liberdade tão sonhada. É iniciada, então, a segunda parte do poema.

Essa parte apresentada, usa rimas alternadas ou cruzadas que se constituem de forma ABAB; rimas emperelhadas ou paralelas que se constituem de forma AABB; rimas interpoladas ou intercaladas que são esquematizadas em ABBA (ABABCCDEED). São quatro estrofes de dez versos em que, a beleza humana é apresentada. Marinheiros de diferentes países europeus são citados, menos de Portugal. Uma das características do movimento romântico foi a aversão ao passado, ao tradicional, principalmente o passado como colônia portuguesa. O que se buscava era a nacionalidade, a brasilidade, a liberdade.

É retratada nessa segunda parte a nostalgia em cada país citado, além de particularidades nacionais. Sobre a Espanha, o eu lírico cita suas melodias e as moças

morenas: *“Do espanhol as cantilenas/requebradas de langor/lembram as moças morenas”*. Sobre a Itália, faz menção à cidade de Veneza com suas atrações românticas e boêmias: *“Da Itália o filho indolente/ canta Veneza dormente/ terra de amor e traição”*. Da Inglaterra, nos apresenta a frieza britânica e seu herói do passado, comandante Nelson⁹, almirante que participou nas guerras napoleônicas¹⁰: *“O inglês marinheiro frio.../Lembrando orgulhosas histórias/ de Nelson e de Aboukir”*. A França é retratada por suas glórias e vitórias: *“O francês predestinado/canto os louros do passado”*. Sobre a Grécia, o poeta recorda os marinheiros helenos da Guerra de Tróia, faz menção a Ulisses, personagem dos poemas de Homero¹¹: *“Do mar que Ulisses cortou, [...] Vão cantando em noite clara / Versos que Homero gemeu...”*. É terminada essa parte com versos que reúnem todos os marinheiros, seres privilegiados por encontrarem, nas viagens além mar, um certo compadecer divino, *“Nautas de todas as plagas/vós sabeis achar nas vagas/ As melodias do céu!”*

Alguns significados das palavras dessa parte:

Nauta – navegante, marinheiro
 Cadência – movimento compassado
 Resvala – escorregar
 Bolina – cabo de manobra a vela
 Mezena – vela do mastro
 Rijo – duro, intenso, forte (<https://www.priberam.pt>)

Com a terceira parte chega à indignação, à estupefação, à transição para a tragédia e a denúncia do tráfico de escravos. O eu lírico, na forma do albatroz, concluiu que a embarcação avistada era um navio negreiro.

⁹ Horatio Nelson, 1.º Visconde Nelson KB (Burnham Thorpe, 29 de setembro de 1758 – Cabo Trafalgar, 21 de outubro de 1805), foi um oficial britânico da Marinha Real Britânica, famoso pelas suas intervenções nas Guerras Napoleônicas. HORATIO NELSON. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Horatio_Nelson&oldid=49386223>. Acesso em: 24 jul. 2017.

¹⁰ Guerras Napoleônicas foram uma série de conflitos colocando o Império Francês, liderado por Napoleão Bonaparte, contra uma série de alianças de nações europeias. Essas guerras revolucionaram os exércitos e táticas das nações da Europa, com grandes tropas sendo deslocadas para o combate de forma nunca antes vista no continente, acontecendo devido a algumas das primeiras conscrições em massa modernas. GUERRAS NAPOLEÔNICAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerras_Napole%C3%B4nicas&oldid=49946590>. Acesso em: 25 set. 2017

¹¹ Homero (século VIII a. C.) foi um poeta épico da Grécia Antiga, autor das obras-primas "A Ilíada" e "Odisseia".
<https://www.ebiografia.com/homero/>

Para revelar a indignação, o poeta faz uso de apenas uma sextilha, ou seja, estrofe contendo seis versos. Também usa palavras e termos para exprimir seu sentimento, como: funeral, tétricas, amarguras, infame e vil, que horror! Sinais de exclamações expressam sua repúdia ao que vê: *“Que quadro de amarguras! /É canto funeral! ... Que tétricas figuras.../ Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!”*, além das apóstrofes (Meu Deus! Meu Deus!).

Na quarta parte são apresentadas descreveu os horrores cometidos contra os escravos. Em seis sextilhas de rimas emparelhadas e opostas (AABCCB), versos decassílabos (que contêm dez sílabas) e hexassílabos, possibilitando uma maior intensidade na rítmica do poema.

Era um sonho dantesco... o tombadilho A
 Que das luzernas avermelha o brilho. A
 Em sangue a se banhar. B
 Tinir de ferros... estalar de açoite... C
 Legiões de homens negros como a noite, C
 Horrendos a dançar... B

Logo no início temos o adjetivo “dantesco”, referente à Divina Comédia, de Dante Alighieri¹². O poeta compara o navio ao inferno de Dante. Segundo Lajolo e Campedelli: *“Abre-se a “Tragédia do mar”. O tombadilho, portanto, funciona como cenário dela. A primeira, segunda e terceira partes do poema são introdução para o que se vai presenciar a partir de agora. ”* (1988: 103). Anteriormente o poeta compara o mar e o céu ao paraíso, agora compara o navio ao inferno.

O uso frequente de adjetivos acentua a emoção *“Era um quadro dantesco... o tombadilho”*, assim como a referência a cor vermelha *“que das luzernas avermelha o brilho/ Em sangue a se banhar”*. Ironicamente relaciona o salto dos negros em decorrência a dor da chicotada a uma dança, *“Tinir de ferros... Estalar de açoite... Legiões de homens negros como a noite horrendos a dançar”*. O uso das palavras tinir, estalar nos permite imaginar e ouvir o barulho do chicote, sobretudo pela presença constante da oclusiva T/D (*“Tinir de ferros...Estalar de açoite”*).

¹² Dante Alighieri (1265-1321) foi escritor e poeta italiano. A *Divina Comédia* tornou-se a obra máxima da literatura medieval. Foi escrita em três partes, Inferno, Purgatório e Paraíso, numa viagem além-túmulo, onde Dante é o personagem principal. https://www.ebiografia.com/dante_alighieri/

Na próxima estrofe apresenta a raça negra através das mulheres, crianças e velhos. Com essas imagens de figuras tão fragilizadas, o poeta consegue sensibilizar ainda mais o leitor. Na cena em que descreve a mulher negra tentando amamentar seu filho e não conseguindo, pois do seu seio só saía sangue, o poeta expõe a degradação humana, pois algo tão básico como o alimento, é tirado desse povo. A cena é tão degradante que é usado o termo “tetas” para descrever o seio feminino, esse termo é utilizado para animais. Assim eram tratados os escravos no navio, como animais, “*Negras mulheres, suspendendo as tetas/ Magras crianças, cujas bocas pretas/ Rega o sangue das mães*”. Quanto aos velhos, não tinham tratamento diferenciado, pois quando suas forças faleciam, eram chicoteados, “*Se o velho arqueja, se no chão resvala/ Ouvem-se gritos... o chicote estala/ E voam mais e mais...*”. As reticências ao final nos dão a ideia de intensidade e nos levam a reflexão. Tal situação de dor, angústia, delírio e fome só teria como fim a loucura.

Dentre as hipérboles (exagero proposital) temos: sonho dantesco, legiões de homens, horrendos, turbilhão de espectros, doudas espirais. As metáforas são “era um sonho dantesco” referente as cenas horríveis; “a serpente faz doudas espirais”, a serpente faz referência ao chicote. A figura de linguagem comparação é encontrada em “legiões de homens negros como a noite”. Encontramos a figura metonímia (substituição de um termo por outro) em “o chicote estala”. Também temos repetições dos versos 13, 14 e 15 com os 31,32 e 33, como se fosse um refrão a eternizar a cena de tortura dos escravos: “*e ri-se a orquestra irônica, estridente.../e da ronda fantástica a serpente/faz doudas espirais*”. A aliteração, sobretudo da consoante R está presente em quase todo o texto: luzernas, avermelha, brilho, etc. Algumas palavras e seus significados:

Tombadilho – parte coberta do navio
 Luzernas – lanterna
 Tinir – produzir um som
 Turbilhão – agitação
 Espectros – pessoa magra, quase morta
 Embrutece – torna-se duro, bruto (<https://www.priberam.pt>)

Nessa parte, segundo Campedelli, o poeta constrói a cena de forma realista e coloca o leitor dentro dela. Para esse efeito faz uso de palavras que sugerem:

Cores: 1ª estrofe: luzernas, avermelha, sangue, negros, noite
 2ª estrofe: negras, pretas, sangue
 3ª estrofe: céu, mar, nevoeiro
 Ruídos: 1ª estrofe: tinir de ferros, estalar do açoite

3ª estrofe: ri-se a orquestra estridente, gritos, chicotes
 5ª estrofe: vibrar rijo o chicote
 6ª estrofe: eri-se a orquestra, estridente, gritar, ais, maldições,
 prezem ressoam
 Movimentos: 2ª estrofe: suspendendo, turbilhão,
 3ª estrofe: voam
 4ª estrofe: cambaleia, dança
 6ª estrofe: espirais, voam (1996, p.9)

Na quinta parte nos é apresentada uma comparação entre a vida anterior dos negros e a presente. Tinham uma vida livre e heroica e agora a dura realidade como escravos. O poeta interrogada Deus, diante de seu inconformismo. Questiona a divindade sobre o porquê de tanto horror. Para isso faz uso de nove estrofes formadas por dez versos heptassílabos e rimas ABCBDDEFFE. As rimas A, C, D, F são graves, as demais são agudas.

Senhor Deus dos desgraçados! A
 Dizei-me vós, Senhor Deus! B
 Se é loucura... se é verdade C
 Tanto horror perante os céus?! B
 Ó mar, por que não apagas D
 Co'a esponja de tuas vagas D
 De teu manto este borrão?..E.
 Astros! noites! tempestades! F
 Rolai das imensidades! F
 Varrei os mares, tufão! E

Começa com um apelo a Deus, em seguida, a outras figuras mitológicas como a “severa musa” e os deuses da natureza como os astros, à noite, a tempestade e o tufão, sempre numa evocação a entidades divinas, é o que chamamos de apóstrofe. Também traz ao poema figuras bíblicas como Agar e seu filho Ismael. Agar foi uma escrava que teve Ismael de seu senhor Abraão, porém ela foi expulsa da tribo e vagou com seu filho pelo deserto (Gênesis cap.21). Esses elementos que são evocados refletem uma das características do Romantismo, a religiosidade.

Muitas figuras de linguagem são apresentadas nessa parte, em “Varrei os mares, tufão!” Verifica-se a presença da metáfora¹³ forte e criativa já que, ao tufão, com seu vigor, é solicitado que varra o mar. A sonoridade vibrante do /R/ (“Varrrei os

¹³ Metáfora é uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas, podendo dar duplo sentido à frase. Também é um recurso que permite expressividade a frase. (<https://pt.m.wikipedia.org>. Acesso em: 29/11/2017)

mares. ”), vem ao encontro da ideia. As prosopopeias¹⁴ em “...se a estrela se cala”, “perante a noite confusa...”, “onde a terra esposa a luz”, dão vida aos elementos da natureza. Outras metáforas se fazem notar em “Ó mar, por que não apagas/Co’ a esponja de tuas vagas/ Do teu manto esse borrão? ”. As ondas, numa comparação implícita, fazem recordar esponjas (são brancas, porosas) e o borrão a escravidão na sociedade. A comparação¹⁵, intensificando significados, está em “são mulheres desgraçadas”/”como Agar o foi também” e em “N’alma lágrima e fel...como Agar sofrendo tanto/que nem o leite de pranto”. A figura de linguagem de sonoridade, a anáfora¹⁶, é perceptível nos vários versos iniciados com “adeus” (Adeus, ó choça do monte...). Um grande número de apóstrofes¹⁷ (“Senhor Deus dos desgraçados”, “Senhor Deus”, “Ó mar”, “astros”, “mortes”, “tempestades”, “tufão”) dão ao texto mais impacto já que elementos são chamados a agir.

O eu lírico busca incessantemente a identidade do negro junto a uma mistura de revolta, de tristeza e indignação. As interrogações sugerem a busca por respostas. É como afirma Costa e Silva “Não há palavra que não esteja carregada de dor e angústia...” (2009, p. 103). O espírito dúbio do poeta desperta ao interrogar “Se é loucura... se é verdade tanto horror perante os céus”. Algumas palavras do vocabulário empregado pelo poeta na quinta parte

Tufão – furacão nos mares
 Resvala – deslizar
 Fugaz – rápido
 Alquebradas – perder o vigor do corpo
 Choça – construção rústica
 Jaguar – grande mamífero
 Lúgubre – relativo a luto (<https://www.priberam.pt/dlpo/lugubre>)

¹⁴ Prosopopeia é a figura de linguagem que atribui a seres inanimados características de seres animados (www.significados.com.br). Acesso em: 29/11/2017

¹⁵ A figura de linguagem comparação é também chamada de símile. Ela acontece quando é estabelecida entre palavras ou expressões uma relação comparativa explícita, marcada pela presença de termos como “como, assim como, tal como, igual a, que nem”. (<https://www.figurasdelinguagem.com/comparacao/>) Acesso em: 29/11/2017

¹⁶ Anáfora é a figura da repetição. Ocorre quando uma mesma palavra ou várias, são repetidas sucessivamente, no começo de orações, períodos, ou em versos. A repetição tem o objetivo de dar ênfase e tornar mais expressiva a mensagem (<http://www.figuradelinguagem.com/anafora/>) Acesso em: 29/11/1972

Na sexta parte, o poeta dos escravos denúncia e repudia a pátria brasileira por acobertar e cooperar com tamanha injustiça, a escravidão. Para isso faz uso de três estrofes em oitava rima em formato ABABABCC, em versos decassílabos:

Existe um povo que a bandeira empresta A
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!... B
 E deixa-a transformar-se nessa festa A
 Em manto impuro de bacante fria!... B
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, A
 Que impudente na gávea tripudia? B
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto C
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! C

A segunda estrofe é constituída por uma magnífica musicalidade conseguida pelo poeta por meio da repetição da letra B. Uma aliteração que sugere o movimento da bandeira no ar, porém a imagem da bandeira ao vento é substituída pela bandeira como um símbolo da mortalha do povo escravo, ou seja, do pano que cobre a ruína, a morte de um povo.

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!

As figuras de linguagem presentes nessa parte e embelezando-a são: perífrase “existe um povo que a bandeira empresta” ou o povo brasileiro; antítese “e deixa-a transformar-se nessa festa/em manto impuro de bacante fria!” em que a oposição entre “festa” e “bacante fria” intensifica o sentido; anáfora “meu Deus! Meu Deus!”; metonímia “auriverde pendão de minha terra’ em que a cor e o valor da bandeira são destacados. A comparação “o trilho que Colombo abriu na vaga/**como** um íris no pélagos profundo!”, intensifica o feito de Colombo. Nos versos “Estandarte que a luz do sol encerra/ E as promessas divinas de esperança” a aliteração dá sonoridade, o /S/ vai de encontro a luz que se espalha e traz novas possibilidades. Finaliza a estrofe com 2 versos de sonoridade marcante (aliteração do /T/), desejando ser preferível a bandeira rasgada numa batalha a ser usada para cobrir corpos mortos.

Algumas palavras presentes nas estrofes que carecem de significado:

Bacante – mulher depravada, sacerdotisa do culto de baco
 Impudente – insolente
 Gávea – bairro do Rio de Janeiro

Pavilhão – construção leve
Auriverde pendão – bandeira verde
Roto – destruído
Atroz – cruel e desumano
Pélago – grande profundidade
Etérea plaga – elevado país (<https://www.priberam.pt/>)

Castro Alves termina o poema convocando os heróis do passado a reverem os seus feitos. A José Bonifácio de Andrada, o patrono da Independência do Brasil, o poeta pede que arranque a bandeira do mastro, o símbolo da liberdade. A Cristóvão Colombo, o descobridor das Américas, pede que feche os mares por onde passou. Com esse clamor, nosso poeta social romântico encerra seu grito pela abolição.

De acordo com Alberto da Costa e Silva, o poeta era como político, pois gostava de falar às grandes plateias. E que ninguém censure esta expressão: poeta político. Castro Alves via-se como tal, desejoso de, com seus versos, mudar o país e a vida. Foi para isto, para atacar a escravidão, que escreveu “Navio Negreiro”, o mais perfeito de todos os seus poemas para alta voz (2006, p. 98)

CONCLUSÃO

O assunto abordado nesse trabalho mostrou a importância do movimento Romântico na história. Surgiu em meio a revoluções e a busca por um modelo novo de se expressar. Desde sua origem trouxe a renovação da forma como se pensava a literatura. Mostrou que ao longo do tempo recebeu influência e foi influenciado por seus autores. Suas principais características confirmaram que o olhar do escritor, da época, buscava por liberdade em expressar seu sentimentalismo, criatividade e preocupação social. Inovou nos gêneros literários e com isso conquistou seu público.

No âmbito europeu tivemos nomes como Victor Hugo, que retratou com fidelidade a condição humana. Preocupado com seu povo, ele buscou por meio da escrita e da política denunciar as injustiças sociais.

Influenciado por Hugo, tivemos nosso poeta Castro Alves. Vimos que por meio de sua poesia buscou revelar a sociedade as atrocidades sofridas pelos escravos. Nossa história, até então manchada por termos sido o último país a abolir a escravidão, tem como grande voz pela justiça o “poeta dos escravos” Castro Alves.

Na análise do poema “O navio negreiro”, considerado uma obra prima, Alves denuncia o tráfico de negros e clama por uma solução, pois a situação era insustentável. Entre figuras de linguagem e uma escrita detalhada, ele declara em alta voz a urgência da liberdade.

Conclui-se que mesmo dentro do movimento romântico, sendo esse individualista e ilogista, autores como os citados acima inovaram trazendo uma poesia social e reveladora da realidade. A literatura serve como meio para luta por um mundo melhor, por uma sociedade mais igualitária

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Castro. **Os melhores poemas de Castro Alves**. Seleção e apresentação Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

ALVES, Castro. **O Navio Negreiro**, Tragédia no mar. São Paulo: Global, 2008

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. **A polêmica sobre “A confederação dos tamoios”**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Romântica**. Vol 3. 6ª ed. Rev e atual. São Paulo: Global, 2002

GUERRAS NAPOLEÔNICAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerras_Napole%C3%B4nicas&oldid=49946590>. Acesso em: 25 set. 2017

HORATIO NELSON. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Horatio_Nelson&oldid=49386223>. Acesso em: 24 set. 2017.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

LAJOLO, Marisa e CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Literatura comentada: Castro Alves**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LORD BYRON. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lord_Byron&oldid=50378539>. Acesso em: 4 nov. 2017.

OLIVEIRA, Cecília Helena de S. **A Independência e a construção do Império**. São Paulo: Atual, 1995.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias**/Giovanni Reale, Dario Antiseri. Vol 3. 7 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

SILVA, Alberto da Costa. **Perfis brasileiros: Castro Alves**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

WOLF, Ferdinand. **O Brasil Literário**. São Paulo: Editora Nacional, 1955